

GARCIA, José Manuel. *D. João II vs. Colombo: Duas estratégias divergentes na busca das Índias*. Vila do Conde: QuidNovi, 2012.

Luciano Daniel Souza
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Garcia doutorou-se em História pela Universidade do Porto com a tese intitulada “A historiografia portuguesa dos descobrimentos e da expansão (séculos XV a XVII): autores, obras e especializações memoriais”¹ e possui diversas publicações que versam sobre a História dos Descobrimentos. Ele trabalhou na comissão portuguesa de comemoração dos 500 anos dos Descobrimentos. Entre as obras produzidas por Garcia, destacamos algumas pertinentes ao tema do livro aqui resenhado: *Ao Encontro dos Descobrimentos*²; *A viagem de Fernão de Magalhães e os Portugueses*³; *A viagem de Vasco da Gama à Índia*⁴; *Breve História dos Descobrimentos e Expansão de Portugal*⁵. Suas diversas publicações versam sobre as viagens expansionistas portuguesas, sobre os reis portugueses que incentivaram as navegações e as cartas com as impressões sobre as terras descobertas.

O livro que aqui resenhamos trata da elaboração dos mapas, das opções de rotas e dos astrônomos que colaboraram nas grandes navegações do século XV. O termo Descobrimento é recorrente na literatura portuguesa do século XV, conforme apontam as próprias traduções das fontes que o autor oferece em seu livro. Garcia preferiu não enveredar pelo debate sobre os diversos termos utilizados como Descobrimento, Invasão, Chegada Europeia, Conquista e tantos outros que contém em si certas compreensões sobre o processo de expansão territorial e comercial de algumas nações da Europa. O livro trata das condições que antecederam e que tornaram possível a chegada dos europeus à América com um destaque especial para a cartografia produzida na época.

Apresentamos agora a divisão que o autor segue para as posturas conflitantes entre D. João II e Cristóvão Colombo. O livro divide-se em oito capítulos abordando os anos de 1453 a 1506 sem, todavia, ser o recurso cronológico o principal enfoque seguido na apresentação do tema.

O primeiro capítulo aborda as duas posições conflitantes nos Descobrimentos. Uma rota se opõe a outra, ou seja, aponta uma para o oriente e outra para o ocidente como o melhor caminho para se alcançar às Índias. A posição discordante da praticada pelos portugueses, apontava que indo pelo ocidente se chegaria mais rápido às terras das especiarias. Os portugueses seguiam contornando a África através da costa em direção ao oriente. A ideia de navegar em direção do ocidente foi apresentada por um certo florentino chamado Paolo dal Pozzo Toscanelli (1397-1482). Esta posição de Toscanelli foi conhecida por Colombo conforme expressam as anotações de Fernando Colombo e Bartolomeu de las Casas.

A busca das Índias motivada pelo Infante D. Henrique foi sistematizada e debatida com venezianos e genoveses. Há entre o Infante D. Henrique e estes uma admiração que provém do domínio da ciência náutica desenvolvida entre os portugueses. O capítulo segundo apresenta o debate ocorrido em Florença em 1459 destacando o mapa de Fra Mauro. A finalidade dos debates promovidos em Florença seria conhecer o caminho mais curto para as Índias. O mapa-mundo de Fra Mauro teria demorado para ser finalizado e demandou um enorme custo financeiro. O mapa por ser feito em Veneza, ponto mais oriental que Portugal, poderia acrescentar conhecimentos maiores à navegação portuguesa contribuindo para a substituição das caravanas pelas caravelas.

O terceiro capítulo, o mais breve, configura a tomada de posse de D. João em 1474 com a missão de desenvolver as navegações e avaliar as conversações de 1459 em Florença. D. João retoma a busca das ilhas perdidas de Cipango, descrita por Marco Polo, e as chamadas Antília que estariam nesse mesmo caminho. Há de se notar, como Garcia sugere, que o rei de Portugal iniciou a doação de ilhas que pudessem vir a ser descobertas já a partir de 1462. Garcia descreve as doações de várias ilhas atlânticas aos filhos de Dom Afonso V e aos navegadores que se lançavam ao mar com a permissão do rei de Portugal. Outro ponto interessante é a menção nas doações sobre ilhas povoadas, demonstrando o conhecimento de existência de indígenas nestas ilhas. As descobertas que se seguiram no Atlântico entusiasmaram a Colombo que pretendia navegar em direção ao ocidente para encontrar o caminho para as Índias. Colombo tomou conhecimento do mapa de Toscanelli e nele se baseou para propor ao rei D. João II uma viagem através do ocidente. O quarto capítulo termina afirmando que Colombo havia copiado o mapa de Toscanelli.

As canas – espécie de bambu longo – que foram encontradas nas ilhas mais ocidentais foram para Colombo a prova que as Índias se encontravam ao ocidente e é o

assunto principal do quinto capítulo. Segundo Garcia, as canas serviram para Colombo reforçar seus argumentos ao pleitear que D. João II investisse em seus planos.

O capítulo sexto apresenta as canas como objetos de admiração em Portugal e simbolizavam o lugar desconhecido. As canas despertaram o interesse de Martin Berhaim e Jerónimo Münzer. Berhaim era alemão residente em Portugal, registrou a história dos Descobrimentos, especialmente através dos relatos de Diogo Gomes e com suas próprias impressões através das viagens com Diogo Cão entre 1484-1485. Contribuiu ainda com os estudos da navegação através da construção de um globo defendendo a mesma ideia de Colombo e Toscanelli de viajar ao oriente através do ocidente. Münzer relatou em suas cartas que na visita de 1494 à igreja de Santa Maria da Luz pode observar diversos objetos exóticos e as citadas canas que vinham do oriente para a ilha da Madeira.

Garcia apresenta a intenção de Colombo de convencer a D. João II e aponta o ano e o local deste diálogo. Para Garcia seria em junho de 1483 em Carnide que Colombo teria proposto seu projeto de chegar às Índias a D. João II.

No último capítulo, Garcia interpreta as fontes que dispõe para fundamentar a negativa de D. João II a Colombo. Os motivos para a recusa de D. João II são variados: o sucesso da viagem de Diogo Cão, acreditando os portugueses de estarem bem próximos de alcançar o extremo sul da África; a menção à ilha Cipango por Colombo, que os portugueses consideravam uma ilha mítica de Marco Polo; D. João II preferia que a exploração a ocidente fosse feita por financiamentos particulares; os astrônomos portugueses terem percebido que Colombo reduzia o tamanho da circunferência da Terra em suas cartas náuticas; falta de sucesso dos portugueses que navegavam na latitude de Açores para o ocidente; segundo Fernando Colombo e Bartolomeu de las Casas, as honorarias e os valores para o financiamento da expedição seriam excessivos.

Colombo considerou até sua morte ter chegado às Índias em 1492, não sendo capaz de conceber serem estas terras um Novo Mundo. Somente com o planisfério português de 1502 resolveu-se a questão geográfica das Índias alcançadas por Vasco da Gama e o Novo Mundo que figura no ocidente.

O livro contém uma concisão de informações que não prejudica a compreensão das situações que alimentavam os descobrimentos portugueses. A introdução mostra que os descobrimentos foram um projeto de “cooperação internacional involuntária”, termo que para nós expressa de forma sintética o movimento de busca de novas rotas para as Índias,

ou seja, foi uma construção realizada através de indivíduos de várias nações mesmo existindo um certo sigilo das informações. Houve uma troca de informações significativas entre Portugal, Veneza e Genova. O destaque dado a Veneza não passa só pelo financiamento da empreitada naval, como uma abundante bibliografia aponta, mas especialmente na elaboração de mapas de marear, que permitiram a expansão do poder dos reis que acreditaram na lucratividade do projeto.

A ideia de Colombo de chegar às Índias pelo oriente não se encaixava na perspectiva portuguesa que preferia a uma navegação que usava o continente africano como apoio. Ponto interessante do livro é a constante referência às fontes que não só comprovam a permanência de Colombo em Portugal entre os considerados sábios conhecedores da astronomia, náutica e geografia, como também apontam a data e circunstância em que Colombo procura o rei D. João II.

Outro ponto importante da obra de Garcia é apresentar o Infante D. Henrique, o grande incentivador dos descobrimentos, como aquele que convoca e participa de discussões técnicas sobre a navegação para as Índias.

A obra traz em suas notas uma preciosa bibliografia sobre o tema que auxilia no aprofundamento das questões analisadas. As referências às fontes de pesquisa são também abundantes mesmo dentro da concisão que o autor se propõe manter.

Os mapas, pinturas de personagens, locais e outras figuras no interior do livro contribuem e são pertinentes ao tema. Não estão decorando ou ilustrando o livro, mas informam e complementam o tema apresentado.

Em suma é uma obra que se concentra no tema a que se propõe e consegue suspender assuntos conexos que outros autores nem sempre conseguiram. Considera-se uma obra recomendável e leitura necessária para se tratar do tema das grandes navegações dos séculos XV e XVI.

* * *

¹ GARCIA, José Manuel. *A história portuguesa dos descobrimentos e da expansão (séculos XV a XVII): autores, obras e especializações memoriais*. Porto: 2006. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2006, 2v.

² Id., 1994.

³ Id., 2007.

⁴ Id., 1999.

⁵ Id., 1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCIA, José Manuel. A história portuguesa dos descobrimentos e da expansão (séculos XV a XVII): autores, obras e especializações memoriais. Porto: 2006. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2006.

_____. *A Viagem de Vasco da Gama à Índia 1497-1499*. Lisboa: Academia de Marinha, 1999.

_____. *Breve História dos Descobrimientos e Expansão de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

_____. *A Viagem de Fernão de Magalhães e os Portugueses*. Lisboa: Editorial Presença, 2007.

_____. *Ao Encontro dos Descobrimientos*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.